

A Economia do Reino

Há 25 anos a Economia de Comunhão – EdC – procura ser testemunho para o mundo de uma economia de gratuidade na qual os pobres podem ter esperança, sobretudo, àqueles que participam do projeto de Superação da Vulnerabilidade Econômica, conforme lembrou o responsável mundial, Luginò Bruni. E foi neste espírito de gratuidade e reciprocidade que o grupo se reuniu com o Papa Francisco este mês (04/2/17) na sala Paulo VI. Eram mais de 500 representantes de 51 países dos cinco continentes. Na ocasião foram apresentadas algumas experiências concretas de comunhão como a vivida pela atual presidente da Associação nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom – Brasil) Maria Helena Faller.

Na ocasião o Papa Francisco destacou que duas palavras que a cultura atual mantém bem separadas e até considera que são opostas: economia e comunhão, os integrantes de EdC uniram, aceitando o convite feito há 25 anos pela fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich, quando esteve no Brasil, diante da grande desigualdade social na cidade de São Paulo. Ele destaca que a sua idealizadora exortou os empresários a serem agentes de comunhão, competentes e criativos. Além disto, o capitalismo conhece a filantropia, não a comunhão.

O papa ressaltou que como agentes de comunhão, os empresários iniciaram uma profunda mudança no modo de ver e de viver a empresa. Assim, “a empresa pode não destruir a comunhão entre as pessoas, assim como edificá-la, promovê-la”. Ele afirmou que “economia e comunhão se tornam melhores quando uma está ao lado da outra. Melhor a economia, sem dúvida, mas melhor também a comunhão, porque a comunhão espiritual dos corações é ainda mais completa quando se torna comunhão de bens, de talentos e de lucros”.

Em seguida destacou três aspectos diante do compromisso da EdC: dinheiro, pobreza e o futuro. Com relação ao dinheiro lembrou que este, sem dúvida é importante, principalmente quando dele dependem a comida, a escola e o futuro dos filhos. Assim, é importante que haja o lucro e que a comunhão deste lucro seja expressão da comunhão de vida. Hã, portanto, um valor ético e espiritual na escolha de colocar o lucro em comum. “O modo melhor e mais concreto para não fazer do dinheiro um ídolo é compartilhá-lo, dividi-lo com os outros, principalmente, com os pobres, ou para levar os jovens a estudar e a trabalhar, vencendo a tentação idólatra mediante a comunhão. Quando compartilhais e doais o vosso lucro,

realizais um gesto de elevada espiritualidade, dizendo concretamente ao dinheiro: tu não és Deus, tu não és senhor, tu não és patrão!”

O segundo aspecto abordado pelo Papa Francisco foi a pobreza, que é um aspecto central da EdC. Lembrou que atualmente há múltiplas iniciativas públicas e particulares para combater a pobreza extrema e que isto é um avanço, pois demonstra o crescimento da humanidade. Entretanto, segundo ele, “se quiser ser fiel ao seu carisma, a Economia de Comunhão não deve apenas curar as vítimas, mas também construir um sistema no qual haja cada vez menos vítimas, onde na medida do possível elas deixem de existir. Enquanto a economia ainda produzir uma só vítima, enquanto houver uma única pessoa descartada, a comunhão não se terá realizado, a festa da fraternidade universal não será completa. Então, é preciso apostar na mudança das regras de jogo do sistema econômico-social”.

Ainda sobre a questão da pobreza, o papa deixou claro que para o empresário de EdC não basta apenas ser bom samaritano, mas cabe também combater as estruturas de pecado que produzem bandidos e vítimas. Assim, “o empresário de comunhão é chamado a fazer de tudo para que até quantos erram e deixam a própria casa, possam esperar num trabalho e numa renda digna, sem se encontrar a comer com os porcos. Nenhum filho, nenhum homem, nem sequer o mais rebelde, merece bolotas”, enfatizou o pontífice.

No que diz respeito ao futuro, o terceiro aspecto, o papa Francisco deixou claro que em 25 anos, o número de empresas ainda é exíguo em relação as necessidades do mundo. Entretanto, não é necessário ser grande para gerar mudanças; porém, é importante que o sal e o fermento não se desvirtuem e que com suas qualidades. Então, “como fazer para não perder o princípio ativo, o «enzima» da comunhão? É preciso a reciprocidade porque a comunhão não é somente divisão, mas a multiplicação dos bens, criação de um novo pão, de novos bens, de um renovado **Bem** com a letra maiúscula.

Exortou os empresários a doarem a própria alma e não apenas o dinheiro, pois o primeiro bem deste é a própria pessoa. “O dinheiro não salva, se não estiver acompanhado pelo dom da própria pessoa. A economia de hoje, os pobres, os jovens têm necessidade em primeiro lugar da vossa alma, da vossa fraternidade respeitadora e humilde, da vossa vontade de viver, e somente em seguida do vosso dinheiro”.

“Faço votos a fim de que continueis a ser sementes, sal e fermento de outra economia: a economia do Reino, na qual os ricos sabem compartilhar as suas riquezas e os pobres são chamados bem-aventurados”, finalizou o papa

(Regina Maria da Luz Vieira)

<http://www.edc-online.org/br/home-br/eventos-internacionais/eocwiththepope/12838-discurso-do-papa-francisco.html>